

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

DA IFIGÊNIA OCIDENTAL AO BRASIL 500¹

Leandro José Kotz², Adriano André Maslowski³.

¹ Texto desenvolvido no curso de mestrado em educação nas ciências Unijuí.

² Aluno do curso de Mestrado em Educação nas Ciências (UNIJUÍ) com Bolsa Taxa PROSUP/CAPES; Pós-graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo (IMT/URI); Graduado em Filosofia (IFIBE); Graduado em Teologia (IMT/URI).

³ Aluno do curso de Mestrado em Filosofia (UFSM); Pós-graduado em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica (UFFS); Pós-graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo (IMT/URI); Graduado em Filosofia (IFIBE); Graduado em Teologia (IMT/URI).

DA IFIGÊNIA OCIDENTAL AO BRASIL 500

A presente reflexão pressupõe o conceito antropológico, 'sentido'. O ser humano é produtor de sentido. Nisso, não há novidade. O que se ambiciona é elucidar a relação entre o dado antropológico com a tradição. Se o sentido é ontológico, o humano tem por tarefa tornar razoável o-que-está-aí jogado no mundo, por isso, precisa significar e até mesmo ressignificar, o que é dado na imediatidade e aquilo que a trama da história um dia entrelaçou. A significação e a ressignificação são atividades abstratas, mas profundamente enraizada no chão da vida. Se isso é verdade, a história assume um papel central, pois a tradição oferece as chaves hermenêuticas para o humano compreender e configurar um telos a existência, bem como, entender o que o constituiu e/ou constitui.

Dado esse processo antropológico, interpretar para compreender a vida e a identidade, são exemplos de que é preciso revirar e confrontar-se com os escombros da história. Um dos primeiros modos de configurar sentido e explicar a realidade deu-se com os mitos (trata-se de uma interpretação simbólica do que está aí jogado no mundo). Entre a pluralidade mitológica, chama-se atenção para os mitos que possuem o caráter fundacional. Por isso, é preciso situar o mito fundante em seu horizonte contextual e reinterpretá-los para os dias hodiernos. Uma vez que estes ainda nos falam e/ou são constituintes de identidades.

Dito isso, situa-se a problemática nos seguintes termos, qual é a relevância da reflexão sobre os mitos fundantes? Se se proceder uma análise genealógica dos mitos fundantes (ocidental e brasileiro), então que sentido cultural, social, político e axiológico revelam? Dessas questões, chega-se ao problema norteador, qual é o papel dos mitos fundantes no mundo contemporâneo, de modo mais específico no Brasil?

Nenhum discurso, em termos foucaultianos é neutro, mas perpassado de interesses, ou ainda, conforme Nietzsche, por distintas vontades de poder. Sendo assim, o mito fundante possui um desdobramento na práxis. Se isso é verdade, então, segue a hipótese: os mitos fundantes cumprem com uma função de congregar o diferente, produzir uma identidade, solucionar problemas e conflitos que se dão no âmago de um grupo, sejam eles conflitos étnicos, culturais, políticos, religiosos entre outros. Nesta perspectiva, o mito fundante ocidental e o brasileiro apresentam uma aproximação, uma vez que são produzidos para cumprir com esses fins. A sua lógica interna

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

também é análoga (considerando as reflexões de Chauí), qual seja, necrófila e autoritária. Os mitos fundantes justificam e legitimam violações de direitos e/ou normalizam todo tipo de tensão e violação. Para sustentar a tese, segue a estrutura interna: no primeiro momento é mister discorrer, de modo breve sobre o mito fundante ocidental (Ifigênia) e num segundo, que será enfatizado de modo mais proeminente, sobre o brasileiro (Brasil 500).

Se se observar os mitos das grandes tradições ver-se-á que todos tematizam a vida e a morte, grosso modo, por meio do conceito de sacrifício humano. Percebe isso, na tradição ocidental (Mito de Ifigênia), na tradição judaica (Sacrifício de Isaac) e na tradição cristã (Sacrifício de Jesus). De acordo, com Hinkelammert o mito de Ifigênia pode ser resumido do seguinte modo:

Ifigênia é filha de Agamemnon, rei grego, e de sua esposa Clitemnestra. Agamemnon é comandante do exército grego, que se reunira em Áulide para sair para a conquista de Tróia. Não obstante, produziu-se uma calmaria de tal maneira que o exército não pôde partir. Perguntando aos deuses pela razão, a deusa Minerva (ou Diana) comunica que somente o sacrifício de Ifigênia, a filha de Agamemnon, pode apaziguar sua fúria. O exército exige que se faça o sacrifício. Em consequência, traz Ifigênia a Áulide, enganando Clitemnestra para que a entregue. Chegando a Áulide, ele sacrifica sua filha, a primogênita de seus filhos, à deusa Minerva. Realizando o sacrifício, o vento volta, o exército parte, conquista e destrói Tróia (HINKELAMMERT, 1995, p. 7).

Para Hinkelammert, a história do ocidente é escrita com sangue e fertilizada com cadáveres. Toda gota de sangue derramada em nome da vida é concebida como legítima. Desta forma, o ocidente cria um paradoxo, mata-se para viver.

Em linhas gerais, o mito desenvolve-se do seguinte modo: “Ifigênia é filha de Agamemnon, rei grego, e de sua esposa Clitemnestra. Agamemnon é comandante do exército grego, que se reunira em Áulide para sair para a conquista de Tróia. Não obstante, produziu-se uma calmaria de tal maneira que o exército não pôde partir. Perguntando aos deuses pela razão, a deusa Minerva (ou Diana) comunica que somente o sacrifício de Ifigênia, a filha de Agamemnon, pode apaziguar sua fúria. O exército exige que se faça o sacrifício. Em consequência, traz Ifigênia a Áulide, enganando Clitemnestra para que a entregue. Chegando a Áulide, ele sacrifica sua filha, a primogênita de seus filhos, à deusa Minerva. Realizando o sacrifício, o vento volta, o exército parte, conquista e destrói Tróia” (HINKELAMMERT, 1995, p. 7).

Romper com essa lógica significa por crise a sociedade ocidental, pois pressupõe que todas as mortes realizadas em nome da vida, são na verdade, assassinatos. Sendo assim, não possuem um fim axiológico para a humanidade.

Por meio do mito de Ifigênia e de suas reinterpretações ao longo dos séculos, Hinkelammert evidencia a lógica necrófila sobre a qual estrutura-se a consciência e a práxis ocidental. O sacrifício de Ifigênia é realizado em nome da vida. Sacrificando-a salvaguarda-se a vida de uma nação. A ideologia subjacente é a seguinte, é melhor que morra um ao invés de todos. Quando a lógica do sacrifício humano instaura-se, não se percebe mais a dualidade que carrega. Por um lado, o sacrifício por parte de quem o realiza representa glória, por outro lado, para vítima representa agressão e destruição.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Marilena Chauí na obra *Brasil: Mito Fundador e sociedade autoritária*, é movida por uma leitura da suspeita. Por essa razão, questiona a autoconsciência do brasileiro e/ou a autoimagem. Grosso modo, sustenta que na base da configuração dessa identidade opera um mito fundador, qual seja, Brasil 500. A partir de uma perspectiva diacrônica pode-se indagar com ela: como surgiu e/ou foi elaborado o mito fundador? Quem elaborou? Para que foi elaborado? Essas questões procuram levar a reflexão ao contexto subjacente à narrativa. Já um segundo olhar, sincrônico, tem por escopo esmiuçar a narrativa em si. Em linhas gerais Marilena descreve o mito do seguinte modo,

os escritos medievais consagraram um mito poderoso, as chamadas Ilhas Afortunadas ou Ilhas Bem-aventuradas, lugar abençoado, onde reinam primavera eterna e juventude eterna, e onde homens e animais convivem em paz. Essas ilhas, de acordo com as tradições fenícia e irlandesa, encontra-se a oeste do mundo conhecido. Os fenícios as designaram com o nome Braaz e os monges irlandeses as chamaram de Hy Brazil. Entre 1325 e 1482, os mapas incluem a oeste da Irlanda e ao sul dos Açores a Insulla de Brazil ou Isola de Brazil, essa terra afortunada e bem-aventurada que a Carta de Pero Vaz de Caminha descreveu ao comunicar a El-Rei o achamento do Brasil (CHAUÍ, 2000, p. 59).

Situar a narrativa Brasil 500 no plano da diacronia faz emergir um processo histórico, cultural, político, econômico, religioso e pedagógico responsável pela formação de uma imagem. Nem sempre, essas diferentes esferas atuam em harmonia na consolidação do mito fundador, por vezes, disputam a hegemonia da criação. Desses encontros e desencontros que se forja o mito fundador. Entender o contexto no qual se construiu (ou ainda se constrói) a autoconsciência de povo brasileiro, possibilita problematizar e (re)pensar essa imagem. Essa intenção, de problematizar e buscar novos caminhos é claramente sinalizada por Marilena. Ela reflete sobre essa temática a partir da comemoração do Brasil 500. Para ela, não há motivos para comemorar, destarte, assume uma postura negativa diante da realidade. Em linhas gerais, defende que o mito Brasil é uma invenção histórica, cuja síntese recheada de símbolos, encontra-se no Hino Nacional e na Bandeira Nacional.

Na escola, todos nós aprendemos o significado da bandeira brasileira: o retângulo verde simboliza nossas matas e riquezas florestais, o losango amarelo simboliza nosso ouro e nossas riquezas minerais, o círculo azul estrelado simboliza nosso céu, onde brilha o Cruzeiro do Sul, indicando que nascemos abençoados por Deus, e a faixa branca simboliza o que somos: um povo ordeiro em progresso. Sabemos por isso que o Brasil é um “gigante pela própria natureza”, que nosso céu tem mais estrelas, nossos bosques têm mais flores e nossos mares são mais verdes. Aprendemos que por nossa terra passa o maior rio do mundo e existe a maior floresta tropical do planeta, que somos um país continental cortado pela linha do Equador e pelo trópico de Capricórnio, o que nos faz um país de contrastes regionais cuja riqueza natural e cultural é inigualável. Aprendemos que somos “um dom de Deus e da Natureza” porque nossa terra desconhece catástrofes naturais (ciclones, furacões, vulcões, desertos, nevascas, terremotos) e que aqui, “em se plantando, tudo dá” (CHAUÍ, 2000, p. 2).

Nesta imagem aparecem os desdobramentos geográficos, sociológicos, econômicos e teológicos, inclusive pedagógicos. Conforme a descrição há um o acento à geografia e às riquezas. O

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

desdobramento social tange ao povo pacífico e ordeiro que soma forças para construir uma sociedade desenvolvida (progresso). Já o teológico é sinalizado pela bênção de Deus, talvez, este seja o mais forte, com raízes mais profundas na consciência coletiva, uma vez que, Deus foi incorporado na cultura brasileira, de sorte que, é comum ouvir o ditado popular, ‘Deus é brasileiro’. O questionamento de Chauí coloca em suspensão essa imagem, isto é, será mesmo que o Brasil é pacífico, ordeiro e abençoado por Deus?

A constituição do povo enquanto tal é plural, haja vista, sua herança indígena, negra, lusitana e mais tarde a herança dos imigrantes. Dessa fusão de etnias nascem novas formas culturais, por exemplo, o samba, a ginga e até mesmo a resistência física em esportes como futebol. Na sua gênese, a constituição do povo brasileiro é plural, sendo assim, criam-se pré-compreensões e/ou paradoxos, tais como, uma nação formada por uma pluralidade étnica não conhece o preconceito de cor, classe ou credo. Essa visão é blindada uma vez que a padroeira do Brasil é negra. “Em suma, somos um povo bom, pacífico e ordeiro, convencido de que “não existe pecado abaixo do Equador”” (CHAUÍ, 2000, p.3).

Das contradições entre a ideologia e a realidade, do emaranhado cultural e étnico há seguinte imagem (autoimagem) do povo, diz Chauí,

há, assim, a crença generalizada de que o Brasil: 1) é “um dom de Deus e da Natureza”; 2) tem um povo pacífico, ordeiro generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofrido; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um “país dos contrastes” regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização -isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte -, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo (CHAUÍ, 2000, p. 4).

Como pano de fundo, está a pregação com muito fervor e devoção, que o brasileiro deve ter orgulho de ser brasileiro, mas como ter orgulho diante de tantas violações de direitos? Por que há uma imagem positiva de brasileiro em meio a uma realidade danificada (conforme o entendimento de Adorno)? Segundo Chauí, na base está o mito fundante/fundador, sobre a qual se assenta a cultura. O mito cumpre com o papel de justificar e legitimar as diversas contradições e de normalizar as violações de direitos.

Nesta perspectiva, há uma clara continuidade com Ifigênia. Aliás, Ifigênia foi o móvel do colonizador, de modo mais específico, na versão medieval e na moderna expressa no lema da conquista (de territórios, de povos e de almas).

De modo mais sutil em relação aos sacrifícios realizados pelo Ocidente, o mito Brasil exige sacrifícios, porém não em altares, mas na privação de muitos cidadãos dos direitos básicos, da violação dos direitos reclamados pelas minorias (pelo diferente), entre outros tipos de sacrifício. Por fim, a lógica econômica (mercado total, que controla a política) exige sacrifícios em nome do progresso. Todavia, o progresso possui alto preço, que invariavelmente, é pago com sangue.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Portanto, o mito Brasil está encharcado de Ifigênia, porém, emprega mecanismos ideológicos para mascarar, suavizar e/ou normalizar os efeitos e os seus desdobramentos no real.

Em linhas gerais, a presente reflexão sinalizou para um elemento, entre outros, da constituição da identidade ocidental e brasileira, qual seja, mitos fundantes. O mito fundante Brasil, apesar de ter uma narrativa radicalmente diferente da de Ifigênia, uma vez que não apresenta assassinato/sacrifício humano, operou e opera com sacrifícios, mascarando-os com estratégias ideológicas.

A questão que deve ser feita é: que tipo de reflexão e pensamento convoca os mitos fundantes? Para Hinkelammert, é necessário destruir o sacrifício e quebrar o círculo sacrificial. Para tanto, há um conjunto de mitos fundantes que optam pela vida e não pela morte, que podem servir de parâmetro, a título de exemplo, o mito de Abraão-Isaac, a Morte e Ressurreição de Jesus (neste o sacrifício é consumado, mas vence-se a morte por meio da ressurreição), e a cultura andina. Todavia, por se tratar de uma tradição religiosa judaica e cristã pode ferir o ego e o interesse exploratório ocidental. De mais a mais, conforme Hinkelammert, as culturas e nações que foram consideradas atrasadas (refere-se às culturas indígenas e aos povos latino-americanos) ao longo dos tempos, hoje indicam possibilidades de pensar vias alternativas ao mundo ocidental enquanto gestor de cultura necrófila, inclusive o Brasil aparece como paradigma em alguns casos, por exemplo, a luta contra a erradicação da fome. É evidente que não se trata de copiar essas culturas, mas de pensar e refletir sobre elas, uma vez que estas ajudam a alargar os horizontes e evidenciam que novas perspectivas são possíveis. Soma-se a isso, a interpretação de Chauí, que interpretou o mito fundante brasileiro a partir de uma perspectiva desconstrucionista. A desconstrução conduz, inevitavelmente, a uma nova elaboração que é tarefa de todos.

Referências

BOTH, Valdevir. Biopoder e direitos humanos: estudos a partir de Michel Foucault. Passo Fundo: IFIBE, 2009. Coleção Diá-Logos.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

HINKELAMMERT, Franz J. A fé de Abraão e o Édipo ocidental. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Vozes, n. 3, p. 49-82, jan. 1989.

HINKELAMMERT, Franz J. Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta. Trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1995.